



JUDITE VITAL DA SILVA

Judite

a menina da zona rural,
guerreira Tenetehara







JUDITE VITAL DA SILVA

Judite

a menina da zona rural,
guerreira Tenetehara

JANE FELIPE BELTRÃO (ORG.)

ABA PUBLICAÇÕES

 **mórula**
EDITORIAL

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
(GESTÃO 2015/2016)**

PRESIDENTE

Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ)

VICE-PRESIDENTE

Jane Felipe Beltrão (UFPA)

SECRETÁRIO GERAL

Sergio Ricardo Rodrigues Castilho (UFF)

SECRETÁRIA ADJUNTA

Paula Mendes Lacerda (UERJ)

TESOUREIRA GERAL

Andrea de Souza Lobo (UnB)

TESOUREIRA ADJUNTA

Patrícia Silva Osorio (UFMT)

DIRETORES/AS

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano do Valle (UFRN)

Júlio Assis Simões (USP)

Patrice Schuch (UFRGS)

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
(GESTÃO 2017/2018)**

PRESIDENTE

Lia Zanotta Machado (UnB)

VICE-PRESIDENTE

Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE)

SECRETÁRIO GERAL

Cristhian Teófilo da Silva (UnB)

SECRETÁRIA ADJUNTA

Eliane Cantarino O'Dwyer (UFF/UFPA)

TESOUREIRO GERAL

Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos
(UnB)

TESOUREIRA ADJUNTA

Rozeli Maria Porto (UFRN)

DIRETORES/AS

Claudia Turra Magni (UFPEL)

Fabio Mura (UFPB)

Lorenzo Macagno (UFPR)

Regina Facchini (Unicamp)

COMISSÃO PROJETO EDITORIAL

COORDENADOR

Antonio Carlos Motta de Lima (UFPE)

VICE-COORDENADORA

Jane Felipe Beltrão (UFPA)

Patrice Schuch (UFRGS)

Thereza Cristina Cardoso Menezes (UFRRJ)

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Zhouiri (UFMG)

Antonio Augusto Arantes Neto(UNICAMP)

Carla Costa Teixeira (UnB)

Carlos Guilherme Octaviano Valle (UFRN)

Cristiana Bastos (ICS/Universidade de Lisboa)

Cynthia Andersen Sarti (UNIFESP)

Fábio Mura (UFPB)

Jorge Eremites de Oliveira (UFPEl)

Maria Luiza Garnelo Pereira (Fiocruz/AM)

María Gabriela Lugones (Córdoba/ Argentina)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

Mónica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB)

Patrícia Melo Sampaio (UFAM)

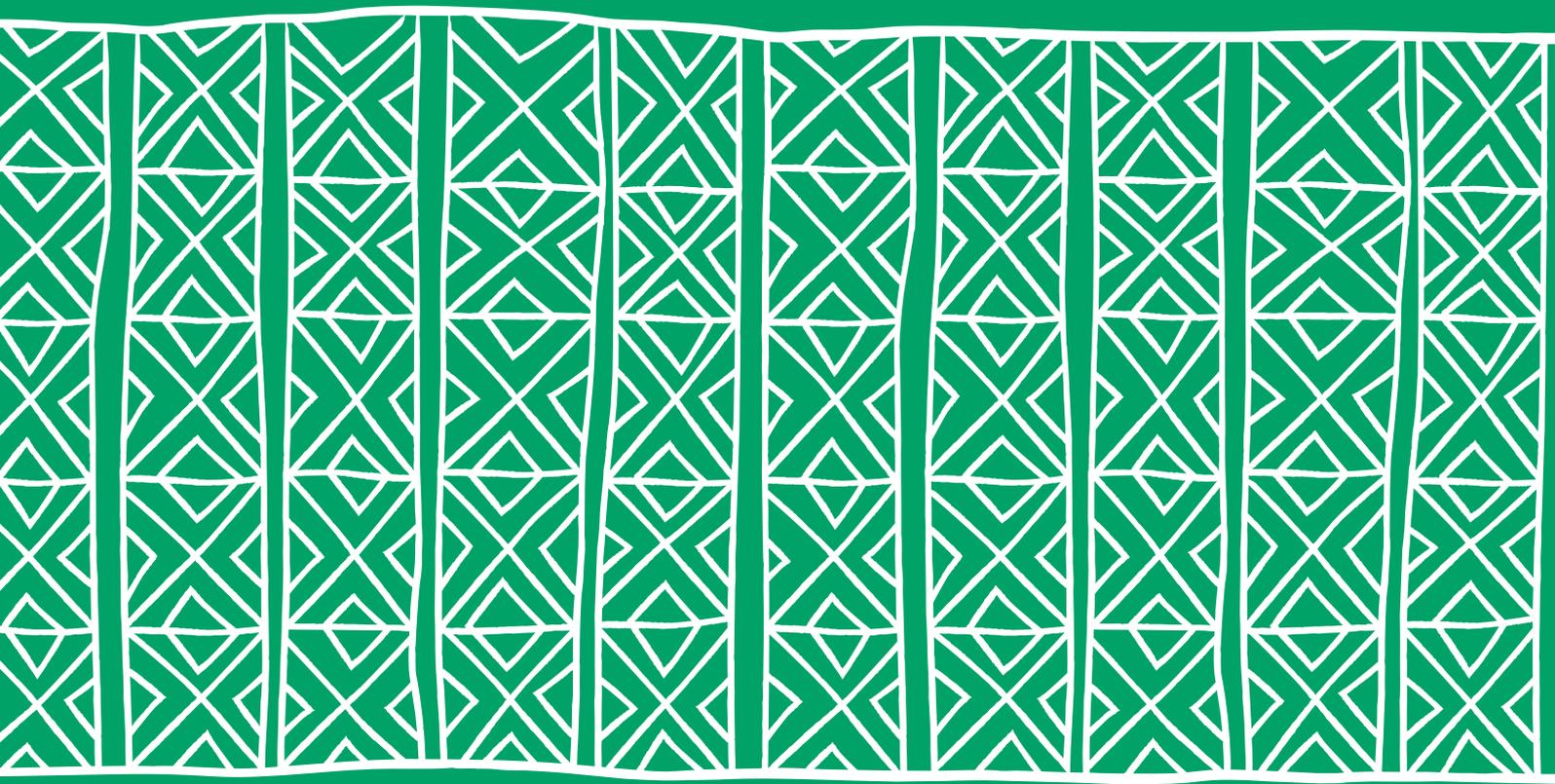
Ruben George Oliven (UFRGS)

Wilson Trajano Filho (UnB)

SUMÁRIO



- 05 A guerreira de memória
- 06 Pela mão da guerreira *Tembé Tenetehara*
- 07 Judite Vital da Silva:
a Dona Judite de todas as horas
- 09 A menina Judite
- 10 Do roçado e dos produtos, a vida dificultosa
- 13 Os tempos eram outros...
- 15 Os caminhos eram largos, os rios extensos
- 16 Estudar era a questão
- 18 A festa da coroação da santa
e as festas de junho
- 20 Os perigos de ontem eram diferentes
- 22 Pelejando contra as dificuldades
- 24 Outras formas de conhecer
os *Tembé Tenetehara*
- 26 Sobre a organizadora



A guerreira de memória

Produzir livros não é tarefa fácil, entretanto quando se tem a confiança de uma guerreira, a tarefa se faz suave. No caso a guerreira Judite Vital da Silva, por sua liderança e esforço para contar “por escrito” as suas memórias, permitiu que, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), oferecesse um novo livro da Coleção **Lideranças Tradicionais** ao público leitor.

A memória da guerreira ensina, a muitos de nós, o que é ser “menina mulher”, moradora da zona rural, no interior do Pará, quando seu povo ainda não podia dizer com orgulho sou *Tenetehara*.

As histórias de Judite devem ser louvadas, pois liberam para as novas e futuras gerações *Tembé Tenetehara* as memórias de um cotidiano difícil, mas fortalecido na luta pela sobrevivência em meio a tantas adversidades.

Com a chegada de mais um paradidático da ABA, espera-se que outras guerreiras contem suas histórias, afinal esta é uma boa forma para que os povos indígenas combatam a discriminação produzida pelo racismo e apresentem outras versões da História Indígena, estas alicerçadas pelo olhar dos protagonistas.

Antonio Motta & Jane Beltrão

EDITORES DO SELO ABA



Pela mão da guerreira *Tembé Tenetehara*

O projeto *Patrimônio, Diversidade Sociocultural, Direitos Humanos e Políticas Públicas na Amazônia Contemporânea* executado, durante a cooperação, que entre si estabeleceram o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) que, ao longo dos de seis anos (2011-2016), ouviu muitas lideranças tradicionais entre os povos indígenas e, com elas aprendeu outras formas de “dar a conhecer” a indígenas e aos não indígenas a riqueza da luta que pessoas indígenas, como Judite Vital da Silva, empreendem diariamente em suas aldeias.

A memória de Judite resgata com riqueza de detalhes quase tudo que a vida em comunidade lhe ensinou, apesar dos percalços que enfrentou e continua a enfrentar. Conta a respeito de um “... tempo sem volta”, mas elegantemente compara, aquele que foi o seu tempo, e observa que o dia-a-dia das novas gerações, é hoje!

A maestria e a sensibilidade de Judite Vital da Silva é enorme! Ela nos ensina e nos incentiva a escrever e organizar outras histórias, trazendo a público a visão dos povos indígenas que viveram nos últimos mais de 500 anos a saga da luta por direitos que lhes são negados diuturnamente.

Jane Felipe Beltrão & Antonio Carlos de Souza Lima

COORDENADORES DO PROCAD, VICE-PRESIDENTE E PRESIDENTE DA ABA (GESTÃO 2012-2016)

Judite Vital da Silva: a Dona Judite de todas as horas

Um dia ela ameaçou contar a sua história de menina da zona rural. De outra feita, apresentou de longe um caderno, que guardava zelosamente e, no qual, dizia registrar para que eu lesse, o que sabe sobre os *Tembé Tenetehara*. Foi assim, que ela e eu sonhávamos com as histórias dos tempos que não voltam mais e deixam qualquer pessoa com saudade do que se foi.

Muitas foram as conversas que mantive com a amiga Judite, desde 2009, e ela sempre me surpreendia com a agudeza de suas observações e a tranquilidade como enfrentava a vida, a política indígena e até o futuro, em função da sua sensibilidade premonitória (ver um horizonte que outros não vislumbram).

Ao chegar no Jeju, lugar da aldeia de Judite — hoje, imprensada pelos esbulhos feitos ao território e pelo corte empreendido pela malha viária que subtraiu faixa substancial da aldeia — me surpreendia com seu sorriso largo e sua calorosa acolhida. Jamais fui a algum lugar da aldeia sem primeiro conversar com a amiga. Na chegada, ela alertava sobre os acontecimentos que estavam por vir, às vezes eu ficava desconsertada, sem jeito, pois dependendo do dia as previsões eram graves e feitas como um alerta geral.

As muitas conversas, segredos e histórias selaram uma aliança entre nós. Com o passar dos anos Judite pareceu ter mais confiança em mim. Afinal, eles tinham me escolhido para contar a história dos *Tembé Tenetehara*, mas eu e Judite demos muitas voltas, *de lá* (de Santa Maria) *prá cá* (em Belém) e *daquí* (de Belém) *prá lá* (em Santa Maria). Muitas conversas, assembleias e visitas, entre tantos outros contatos, inclusive aqueles que demandavam apoio aos estudantes indígenas *Tembé* que se faziam presentes na Universidade Federal do Pará (UFPA), entre eles filhos e sobrinhos de Judite.





A cautela fez com que a reciprocidade trançasse os laços de confiança e, aos poucos, o precioso caderno de Judite ficou recheado de histórias. Um dia ela me entregou o caderno, cheia de preocupação, porque, segundo diz, sabe mais contar que escrever e, também, porque tinham muitos pedaços de histórias melindrosas que talvez não merecessem vir a público.

A amiga Judite sempre cautelosa, viu suas meninas esconderem algumas histórias, mas Judite num lindo gesto de confiança disse: — a senhora que é professora sabe o que vai e o que não vai no livro. Fiquei emocionada! E, me perguntei: como ela, a minha querida amiga, podia confiar em uma pessoa não indígena? Guardei o material, fui lendo com vagar e transcrevendo com mais vagar ainda as memórias de Judite.

A leitura me fez selecionar as memórias do cotidiano do coletivo *Tembé Tenetehara*, contado vivamente por Judite, afinal muitas mulheres possuem histórias como a que ela narra. Deixei os pedaços mais difíceis da vida de indígenas mulheres, em separado, para refletir a partir de outros espaços, pois esse era o desejo da amiga e a confiança em mim depositada. Ela desejava um livro de memórias que pudesse oferecer ao coletivo, aos filhos e aos netos contribuição ao registro das histórias do tempo que se foi, mas que muitos precisam conhecer, afinal essa é uma luta de guerreiras e os *Tembé Tenetehara* estão, muitíssimo bem representados, nas história da corajosa e louvada Judite.

Sem mais demora, vamos as histórias que devem ser lidas, contadas e recontadas a muitos para que todos saibam como era a vida na aldeia quando os protagonistas se deslocaram do Maranhão ao Pará e o quanto é difícil enfrentar a vida, sendo *Tembé Tenetehara*, que luta em meio aos não índios que, muitas vezes, só respondem aos protagonistas das histórias ignorando as dificuldades e repetindo a discriminação sentida há mais de 500 anos.

Os méritos do livro são de Judite, os possíveis erros podem deixar na minha conta, talvez mesmo empenhada em atender a amiga, eu não tenha conseguido organizar as memórias de forma adequada, como ela gostaria, desde já, peço desculpas!

Jane Felipe Beltrão, ORGANIZADORA

A MENINA JUDITE



Quando criança fui muito paparicada por todos da nossa família, apesar de meus pais passarem muita dificuldade para nos ver crescer, pois sem condições financeiras, trabalhavam muito. A situação era precária, mas como se vivia em comunidade, uns ajudavam os outros. O importante era ajudar!

Agradeço ter sido criada pelos meus pais, pois muitas famílias não puderam criar seus filhos, alguns ficavam de casa em casa, crianças “doadas” ou “levadas” por pessoas, que nem *Tembé* eram. Muitos foram e jamais retornaram.

Do roçado e dos produtos, a vida dificultosa

RETIRO

Local onde os trabalhadores se reúnem para processar os produtos de suas roças de forma coletiva com a família e os vizinhos. Em geral lá se faz farinha de mandioca e seus derivados como: tapioca, goma, beiju de diversos tipos. Lugar onde se planeja sementeiras futuras e colheitas de produtos da roça. No retiro, se reúnem as poucas máquinas para auxiliar a tratar os produtos da roça, as quais também podem ser compartilhadas com a vizinhança.

Como exemplo de dificuldade e ajuda, eu lembro quando se ia colocar roça, muitos amigos se ofereciam pra brocar, depois que derrubava a mata. É, a terra tinha mata! Hoje, só faz brocar porque não tem mais mata. Uma pena, tudo foi se acabando, caça é difícil. Todo trabalho era feito junto, era começar até terminar, as tarefas eram divididas e todo mundo ajudava o dono do roçado. Depois de um ano e seis meses, com a roça pronta pra fazer farinha, juntava gente outra vez, no **Retiro!**

Muito se tinha a fazer. Ralar mandioca (*Manihot esculenta*), no ralo que se fazia com lata de óleo vazia, toda furada com prego. Mas antes de ralar, tinha que colocar a mandioca de molho pra fazer farinha. A farinha pura se batia na mão de pilão colocava no tapete para secar. Era muita mão-de-obra para vender um saco de farinha. E o pior é que, às vezes, não tinha para quem vender. Era um Deus nos acuda!

As vezes se trocava a farinha por mercadoria. Se plantava arroz (*Oryza sativa*), milho (*Zea mays*), feijão (*Phaseolus vulgaris*), café (*Coffea arábica*), e cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*). Os meus pais faziam o caldo de cana-de-açúcar (garapa) pra tomar com farinha, o mel de cana (que muitos chamam de puxa-puxa, pois ele é grosso, grosso) servia para colocar no café, mas tudo isso era só pra despesa, pro gasto da família. Também, se plantava melancia (*Citrullus lanatus*), batata doce (*Ipomoea batatas*), pro modo de consumir. O urucum (*Citrullus lanatus*) era colhido e se transformava em líquido e em pó para temperar comida. Ela fica bonita, vermelhinha e o gosto é bom até demais.

O café quando tinha o grão fazia do melhor, quando não tinha, misturava com arroz e outros. Quando criança, eu tirava mel de abelha, papai tinha três colmeias de abelhas, todo ano se tirava mel para o vizinho e pros gastos de casa. O mel servia, ainda, como remédio: tirava da abelha conhecida por mosquito e colocava umas gotas pra quem tinha carne crescida nos olhos. Era só colocar uma gotinha e se curava o doente!



VOCÊ SABIA?

Os nomes científicos (esses que estão entre parênteses no texto) foram criados para que todos reconheçam de que planta, fruto ou animal se fala, pois eles recebem nomes diferentes de acordo com o lugar. Por exemplo: o nambu preto, também é conhecido, no Pará, como nambu-sujo. No Amazonas é chamado de inambu-ipixuna. Ipixuna quer dizer preto em Tupi.



MATAPI

Armadilha confeccionada com talas de miriti ou bambu, de forma cilíndrica, usada para apanhar camarão e peixe, em geral é colocada nos aningais ou mangais nas beiradas dos rios. Podemos dizer que o matapi é a armadilha para pegar camarão e peixe.

Se tinha criação (aves como galinha, pato, peru e, também porcos), mas se caçava muito! Se colocava **arapuca** e se pegava Nambu-preto (*Crypturellus cinereus*), rolinha (*Columbina picui*) e muitos pássaros. Era armar a arapuca e esperar, vinha comida na certa. No inverno, colocava-se **matapi**, se fazia tapagens e de manhã ‘tava garantido o almoço com peixe.

Tinha bananal (plantação de bananeiras), se plantava banana chamada prata, branca, chifre de boi, sapo e muitas outras. De banana se fazia mingau e comia assada. Nossas comidas eram cozidas ou assada, pois óleo era produto caro, se comprava bem pouco.

Tinha coqueiral, muito coco para beber água, os coqueiros quem plantava era meu avô. Ele plantava algodão (*Gossypium hirsutum L.*) e também amendoim (*Arachis hypogaea*). Depois se inventou de plantar malva. Crianças e velhos passavam o dia molhados na beira do rio tirando malva. Não tinha sabão que tirasse o cheiro da malva.

ARAPUCA

Objeto de origem indígena feito, em geral com cipós colhidos na floresta, cuidadosamente amarrados para constituir-se em uma espécie de gaiola. Gaiola esta que possui uma única abertura que fica armada, esperando a presa, ao ultrapassar a abertura, esta desaba e prendo o pássaro. Ela é acionada pelo movimento da ave para alcançar a isca que fica no interior da gaiola. A palavra é sinônimo de armação, emboscada, cilada, pois engana os pássaros.



MALVA

Fibra vegetal cultivada especialmente na Amazônia, acredita-se desde o Império, ainda no século XIX. É o nome vulgar de diversas espécies de diversas plantas herbáceas da família Malvaceae. O trabalho de plantio e extração das fibras de malva é extremamente penoso. Fora da Ásia o Brasil é o único produtor. Nos anos sessenta, muitos grupos familiares trabalhavam com o produto no Nordeste paraense e no Baixo Amazonas. Em Belém existia muitas fábrica de aniação, hoje falidas, pois as fibras aos poucos foram sendo substituídas por outros materiais.

Se plantava a semente da **malva**, ainda hoje quando coloca um roçado, mas com a malva pouco se consegue consegui capinar a roça de tanta malva que nasce na terra. Hoje, os homens ficaram fracos, perderam as forças, vão trabalhar e coloca só duas tarefas de roça, no máximo cinco e, na maioria das vezes, não dão conta de limpar três quartos da roça. E, é caro pra limpar, a gente não pode pagar, tudo “tá escasso, e o que se plantava no passado nada se vende.

E as mulheres que iam pro rio lavar, pegar peixe e muitas outras coisas. Nos dias de hoje, pra ir no rio desse aí ... tem que pagar pra entrar! Muitos fizeram balneários, já pensou pagar para entrar no que é seu? Tudo é nosso! Se quiser entrar sem pagar, tem que ir se abaixando passando por baixo do arame farpando, como se fossemos roubar, pode? No passado, nesses lugares as casas, quando tinha alguma casa, só era só de **parentes** (conterrâneo como chamava meu pai), uma união que não vemos mais.

Agora, quando um compra uma moto, nem termina de pagar, é roubado. Um absurdo! E quem tem o direito de usar, é quem nunca trabalhou pra comprar uma moto. É difícil, a gente só andava a pé, ninguém tinha medo, mas agora ficamos com as casas fechadas, faz medo, sair. Na minha época de criança e jovem, se usava cavalo, para longas distâncias, hoje, nem mais sei montar!

QUEM SÃO OS PARENTES OU CONTERRÂNEOS?

Parentes é tratamento usual entre os povos indígenas. É uma forma de reconhecer as pessoas de outra etnia de maneira carinhosa, ao mesmo tempo que indica que são “gente da mesma raiz”. *Conterrâneos* possui o mesmo significado, assim como patricio, compatriota que são, mais usuais, entre pessoas não indígenas.



Os tempos eram outros ...

Onde nasci muitas eram as dificuldade sobre saúde, pois dava febre amarela, com paludismo, daí o jeito era se colocar uns quatro lençóis na pessoa que ela não passava frio. Se tratar com médicos não era fácil, minha mãe teve dezoito filhos, cresceram só sete filhas. Muitas crianças morriam ao nascer ou ainda muito pequenos. As pessoas quando estavam com frio e febre, não conseguiam ser levadas pra atendimento. A gente pra tirar aquelas pessoas doentes, tinha que levar na rede, colocava a pessoa na rede, atravessava os punhos da rede com uma vara forte e, ainda, precisava de duas pessoas pra levar até onde podia consultar. Por exemplo, em São Paulinho (localidade próxima de Santa Maria, no Nordeste do Pará) tinha uma senhora que fazia aplicação de injeção, era longe! Só, muito depois, a mamãe começou aplicar injeção e fazer curativo.

A vida na comunidade era muito simples. Dizem que índio é preguiçoso, mas juntando tudo que falei, não dá pra chamar de preguiçoso. Minha mãe mesmo fazia de um tudo: bordava, fazia sapatinho de crochet e muitas outras coisas que precisávamos.



Muitas crianças morriam ao nascer ou ainda muito pequenos. As pessoas quando estavam com frio e febre, não conseguiam ser levadas pra atendimento”



PAU DE ARARA

Nome pelo qual se chamavam os caminhões que de forma improvisada levavam em suas carrocerias carga e passageiros. Estes acomodados sobre tábuas corridas, colocadas como assento para o passageiros, sob as tábuas corridas ia a carga que consistia em diversos produtos: sacos de açúcar, paneiros de farinha, malas dos passageiros e o que mais aparecesse. pode se dizer que eram os ônibus de antigamente, aí pelos anos sessenta no interior do Pará que ganhou a malha viária com a extinção da Estrada de Ferro de Bragança. Hoje, é mais difícil vê-los por conta da fiscalização, mas nas estradas vicinais eles ainda reinam.

Para ter uma ideia, nossas toalhas de banho era feitas de saco de açúcar, assim como os lençóis, toalhas de mesa e panos pra cobrir na mesa, emendava-se um no outro e fazia do tamanho que queria o que era necessário. Às vezes, as bordas eram desfiadas e os fios assim trabalhados eram trançados, era muito bonito. Não tinha escova pra esfregar roupa, usava-se o sabugo de milho ou a palha do milho, quando ‘tava limpinho colocava anil pra deixar branquinho, branquinho.

As louças eram lavadas, muitas vezes no igarapé ou no rio, esfregadas para tirar o preto de cozinhar no fogão a lenha se usava a areia fina do fundo d’água, dai tudo ficava bem ariado, aí da filha que não fizesse bem seu trabalho. As casa eram humildes, mas as panelas brilhavam e os panos eram alvejados, branquinhos, dava gosto entrar nas casas, muitas feitas apenas de chão de barro batido para não levantar poeira.

Nós lavávamos os dentes escovando com uma folha do mato parecida com a folha do tabaco (*Nicotiana rustica*), ou então se esfregava os dentes com pedra de carvão, ou ainda com limão com sal, pois nem se pensava em comprar pasta dental, era muito cara. Outros, usavam o sabão e todos ficavam com os dentes limpinhos, pasta dental é mais agradável pelos produtos e o perfume, mas ainda hoje é cara.

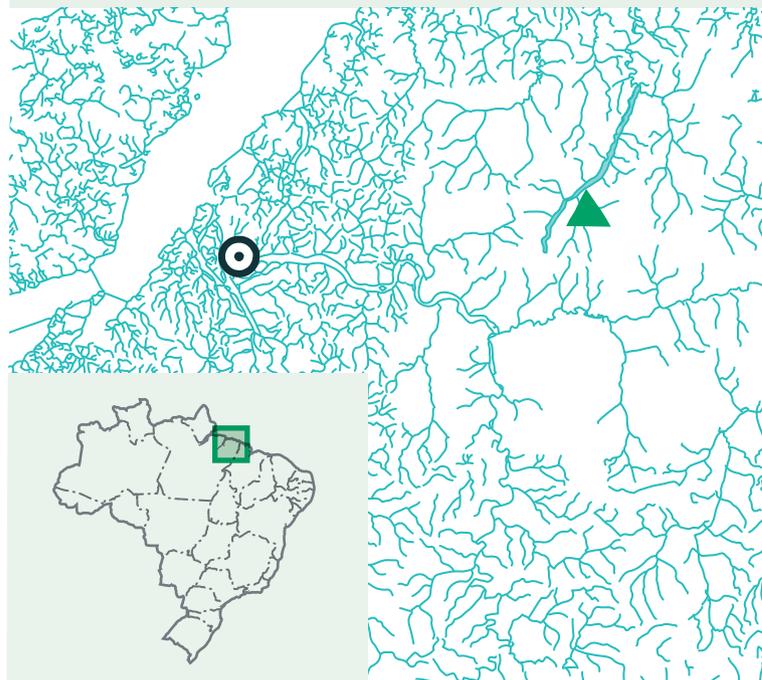
O mundo parecia distante, quando eu era menina, de quinze a quinze dias passava um carro, chamávamos “**pau de arara**” ia de Belém a Capanema, e a nossa mãe saia conosco, ainda, crianças e nós caminhávamos a pé, por vários quilômetros, às vezes papai vinha nos deixar a cavalo e nós ficávamos à beira da estrada. Mamãe fazia fogo pra nos esquentar, cobria-nos com a saia rodada, naquele tempo as mulheres usavam umas três saias. Tinha mais uma combinação que se colocava por baixo do vestido. Ficávamos esperando até o carro passar. O caminho era feito para obter consulta em Capanema, município vizinho à Santa Maria do Pará, com um farmacêutico, conhecido como Senhor Nego Branco.

Os caminhos eram largos, os rios extensos

O Jeju era muito diferente. Olhando nessa travessa tinha dois rios que chamavam de Igarapé de Volta e outro chamado Benedito, hoje, vocês não vão acreditar porque não mais se vê a água. Acontece que no tempo passado, assim como tinha mata, tinha água e água boa! No tempo passado os igarapés eram quase rios de tão extensos, largos mesmo. Para atravessar os igarapés tinha que tirar a roupa, imaginem que os homens grandes, altos passavam na ponta do pé e, a água, por vezes levava a roupas que tinham em mãos, eles ficavam nus. Não era brincadeira não, os parentes não conseguiam ir fazer a feira, principalmente no inverno, as pessoas que passavam a cavalo, terminavam com a farinha molhada. Daí precisava voltar a trás, perdia tudo.

Hoje, é sem mata, sem água boa, pouca caça, pouco peixe, foi se acabando. Antes tudo era mais farto.

TERRITÓRIO DO POVO *TEMBÉ* VALE DO RIO MARCANÃ



- BELÉM
- ▲ ALDEIA JEJU
- HIDROGRAFIA

MAPA: RHUAN CARLOS LOPES
FONTE: IBAMA, 2016.

Estudar era a questão



Pros filhos dos parentes que iam estudar, tinha que ser particular. Só uma senhora que ensinava carta de ABC, as primeiras letras e a tabuada. Nossos parentes precisavam gratificá-la com algumas coisas.

Com doze anos de idade, eu não sabia ler e nem escrever. Um dia papai e mamãe saíram eu pedi pra minha irmã deixar eu ir na madrinha. Assim chamávamos a senhora que dava aula pra as crianças dos vizinhos. Pedi para minha irmã, porque a minha vontade era aprender ler e escrever. Minha irmã aprendeu ler e escrever. Quando eu vi ela lendo, um papel cheio de escritos, chorei muito, queria saber o que ela lia e, porque tanto ria ao mesmo tempo.

Eu pedi pra madrinha me ensinar ler e escrever e também pra ela pedir pro meus pais, naquele tempo menina não estudava ou estudava pouco. No dia seguinte, a madrinha pediu pro meus pais, eles permitiram. Eu falei pra madrinha, que ia ajudá-la a fazer as suas coisas no lugar do pagamento, todo dia quando terminava as aulas, eu trabalhava pilava arroz e ajudava. Mas, os meus pais não puderam comprar cadernos para mim, pois precisavam fazer farinha vender e daí fazer a despesa. Enquanto o caderno não vinha, eu fiz um de papel de embrulho e disse pra minha mãe vou estudar e, ela disse você não tem caderno. Eu respondi, fiz um de eu já fiz um de folhas do papel de compras, quando a senhora comprar eu passo a limpo, e assim consegui ir à escola.



Os colegas ao verem meu caderno começaram a mangar, eu disfarçava dizendo que era meu caderno e de borrão, e informava que depois passava a limpo, mal eles sabiam que eu não tinha um caderno. Não desanimava, os meus colegas diziam, manda teus pais comprar um caderno pra você, e eu disfarçava mais ainda e dizia eu tenho, não trago porque pode pegar chuva e assim eu ia enfrentando aquela situação. Os dias se passaram e eu continuava com caderno de borrão, eles diziam traz o teu caderno pra pegar as aulas que perdestes, e eu sempre procurando uma estratégia de enfrentar o problema, afinal aquele era meu único caderno. Quando foi na outra semana aconteceu o pior, os meus irmãos rasgaram o caderno todo. Chorei, bati neles e apanhei dos meus pais, porque eles eram crianças, não sabiam o que estavam fazendo, foi sofrido. Foi assim, mas continuei os estudos com dificuldade.



A festa da coroação da santa e as festas de junho

A madrinha, essa senhora que dava aula pra nós, era católica e todos mês de maio festejava os santos. Ela promovia uma grande festa, e para torna-la mais bonita, passava o ano inteiro fazendo muitas flores, produzia ramalhetes cada um mais lindo que o outro. Fabricava, também, asas pra colocar nos ombros das vinte moças de branco com os ramalhetes de flores na mão, todas com as coroas de flores. Os pais colocavam as crianças para dormir cedo, pra que todas ficassem acordadas até a hora da coroação da santa, era lindo. A procissão saía tão tarde que a gente não dava conta. minha mãe me beliscava para eu ficar acordada e colocar a coroa na cabeça da santa e dos santos colocava nos pés, de tanto ser beliscada ficava roxa no outro dia. Toda comunidade ajudava, tirávamos donativos esmolando de casa em casa, hoje só resta lembrança boa.

No mês de junho era na outra grande festa na casa do compadre do meu pai, era quadrilha, boi-bumbá, tinha sanfoneiro, e matança do boi. Eram dois dois dias de festa, muita comida! Todo mundo tomava parte da festa, pena que eu era muito pequena, meus pais, tios, se divertiam muito. O povo da nossa comunidade era



As festas à beira rio eram animadas, tinha batuque (tambores), pandeiro, maracá, flauta e muita dança”

compadre do papai, a cada mês a ele era convidado para ser padrinho de crianças e de casamento, todo batizado e casamento tinha festa, almoço pros convidados. Os padrinhos pagavam o batizado e compravam a roupa do afilhado. Meus pais gostavam de batizar encomendando a São Jorge que é santo protetor. Nos casamentos era todo mundo arrumado de sapato, vestido de noiva, o noivo de terno, os padrinhos iam impecáveis, era lindo. O casamento era acompanhado a cavalo, as damas iam na garupa dos cavaleiros, sobre os animais que eram escolhidos a dedo, pois tinha que ser os mais bonitos. Não era todo cavalo que prestava pra acompanhar os noivos. Tinha que ter sela, areio, e enfeites, cada um mais chique que o outro, um desfile.

A festa de São João Batista, aqui, era preparada pela nossa cacique, a festa de arraial era muito bonita, tinha banquinhas de comidas, e nós comíamos segundo a nossa cultura beiju de todo tipo, bolo de macaxeira, mingau de milho. Tudo farto, muita comida.

As festas à beira rio eram animadas, tinha batuque (tambores), pandeiro, maracá, flauta e muita dança. Nessas festas as crianças não entravam pra adultos. Não lembro tudo, isso é só um pouco.

Os perigos de ontem eram diferentes

Falando um pouco sobre meus pais, mamãe contava que um certo dia, ela já tinha a segunda filha, quando ela foi lavar a roupa no igarapé e deixou a porta encostada, veio um homem e entrou na casa deles e roubou o saco de feira, roupa, calçado, levou todos os pertence deles. Quando papai chegou, colocou a mão na cabeça e disse vou atrás, onde ele estiver. Colocou um pano em cima do cavalo, farinha na cuia e colher pra tomar chibé e partiu, levou oito dias e não encontrou. Foi ao pajé, e ele disse: "... não tem mais jeito, ele não se encontra mais por aqui e as suas roupas ele deixou na mata e o cupim comeu. Você vai ficar doente!" Papai ficou muitos dias triste, doente mesmo.

De outra feita, se diz que no dia do meu batizado meu pai mandou mamãe e a madrinha levantarem às 4h da manhã, pois devíamos chegar cedo em Santa Maria do Pará, que ele iria com meu padrinho atrás. Passou o batizado e eles não chegaram. Preocupadas as duas foram ao seu encontro, acharam papai sujo, tinha dado um ataque de epilepsia, daí em diante os ataques aconteciam de dois em dois anos. Ele trabalhava, até então, tirando madeira para fazer casa e pontes. Daí do ataque em diante não pode mais trabalhar. Os terrenos ficaram parados, pois ele tinha mais filhas mulheres. Mamãe, então, trabalhava muito para nos sustentar.



Um dia resolvi vir mais pra perto dos nossos parentes e consegui um emprego de servente e também costurava. Minha irmã foi trabalhar apanhando feijão pras parentes. Mais tarde surgiu a pimenta do reino, assim fomos pra pimenta, saímos pela manhã e voltávamos à noite, mas mesmo assim o papai não podia ficar sozinho. Meu avô, pai da minha mãe, veio morar conosco. Um dia, à noite, debaixo de chuva, o papai saiu pra trás de casa pra urinar e acabou caindo no formigueiro e mamãe dormindo não viu, só muito tarde da noite descobriu. Meu avô chamou chamou a mamãe e contou que papai não tinha voltado. Mamãe acendeu a luz e encontrou ele caído todo vermelho de formiga. Não sabia o que fazer, papai sofreu muito e nós muito mais mesmo!

Meu vovô morreu primeiro, com três meses e minha mamãe se foi, depois dois meses o filho que teve e morreu, ficou meu querido papai. A minha preocupação aumentou, com uns cinco anos depois, chegou o recado. Deus levou meu lindo papai. O mundo desabou sobre mim, fiquei com meus irmãos, minha irmã mais nova seus poucos aninhos. Entretanto, nada fazia me separar deles, consegui viver junto com eles até eles se casarem. Hoje, continuamos unidos em nome de Jesus!

Pelejando contra as dificuldades

COQUEIRO E ENTROCAMENTO

Bairros da região metropolitana de Belém. O primeiro pertencente ao município de Ananindeua (Pará), o segundo localizado à saída da cidade de Belém.

Sim, vamos continuando sobre a peleja (luta) de mamãe. Com 13 para 14 anos fui trabalhar nas casa de família (famílias não indígenas) pra poder vestir e calçar. Mamãe me levou pra “boca” (à entrada) do **Coqueiro**, onde morava uma parenta das pessoas que criaram meu avó, foi muito bom! Eu fui colocada para estudar pela senhora e o esposo dela e mais uma irmã da senhora, que me acolheu, fiz a segunda série no colégio Bom Pastor. No domingo eles me levavam pra passear, assim conheci o Bosque “Rodrigues Alves”. Fui ao Círio de N. S. de Nazaré, conheci o Museu Goeldi, fui ao Entroncamento foi quando estava na casa dela que fiz a Primeira Comunhão. Até hoje, tenho a lembrança desse tempo. Nas férias, ela disse, você vai passar as férias na casa do seus pais. Fiquei feliz!

Andei por muitas casas, nem todas boas, mas vida de menina da zona rural é isso. Fui morar com uma madrinha, que me prometeu estudo, mas era promessa falsa. Só trabalho e demais, cuidar de quatro meninos, da casa, e, ainda, carregar 20 a 30 latas de agua por dia, subindo uma escada. Eu fui, não me deu o estudo, de mês em mês me dava um vestido e uma calcinha. Era ela costureira, tinha muito trabalho.

Depois de alguns meses chegou outra senhora, ela era professora e diretora, e me queria pra ela, dizia sempre: esta menina vai ser minha, a madrinha ficava com raiva dela. E mamãe retrucava: “... ela só vai se, se der o estudo pra ela.” Na verdade, essa senhora só via o meu trabalho.

Nessa casa encontrei a felicidade estudava, não lavava. Tomava conta da casa, no dia de lavar a casa e vasculhar, ela mandava outra moça me ajudar, depois de um tempo eu já fazia sozinha, daí me colocam pra estudar, estava a terceira série. A senhora conversou com a minha professora para ver se eu dava conta de fazer as provas da outra série para me adiantar. E assim foi feito, passei nas provas da quarta série. Era feliz, mas infelizmente a minha irmã inventou de casar, e eu tive de vir embora mais com muita conversa ela

dobrou a mamãe. Pelo menos, mamãe prometeu que eu continuaria estudando, mas só ensinavam até a quarta série. Minha mãe então falou com os irmãos e o padre da paróquia e me deixaram estudar. Ela colocou uma banca de comida com mingau e um boteco pra sobreviver, com a graça de Deus comprou o uniforme, sapato, bolsa e relógio, eu nem parecia ser filha de pobre, até roupa de educação física eu tinha. Quando junho chegou me colocou pra dançar quadrilha, foi bom! Consegui passar na quinta série e, ainda fiz seis meses de ginásio (hoje, corresponde ao ensino fundamental).

Consegui trabalhar de dia na casa de uma professora do nosso lugar e, à noite, ensinava os parentes, pessoas adultas, consegui alfabetizar todos os meus alunos foi um sucesso! Eles conseguiram tirar os documentos, a notícia correu longe, eu estava com uns 18 anos. Mas, meus pais me empatarem (impediram) de estudar, pois era à noite e, meus pai dizia que à noite mulher não podia estudar.

Minha vontade era estudar pra poder ajudar meus pais a sobreviver melhor. Mas as dificuldades eram muitas, imaginem que um dia ... chegou um senhor e perguntou para o papai: “essa menina é mesmo tua filha?” Meu pai respondeu que sim e apontou minha mãe, ele não satisfeito, disse: “... essa menina não parece ser filha de Pedro índio.” Pedro índio. quer dizer pobre e preguiçoso. Eram abusados, a gente passa muito preconceito, dói fundo!

E muito mais tenho pra contar, pois muitos consideram que filho de Pedro índio não merece consideração.



JUDITE VITAL DA SILVA

Outras formas de conhecer os *Tembé Tenetehara*

Conhecer os *Tembé Tenetehara* por intermédio de Judite Vital da Silva é um privilégio. Suas histórias são importantes, tão importantes quanto as das demais pessoas *Tembé Tenetehara* que gentilmente contaram outras e outras histórias que tentamos divulgar, como uma forma de dar a conhecer os guerreiros e guerreiras que lutam pelo reconhecimento dos direitos que lhes são negados cotidianamente.

Você leitor pode continuar a aprofundar seus conhecimentos buscando outras formas de saber a respeito da senhora Judite e de seus parentes, lendo alguns outros escritos, veja ao lado:

- BELTRÃO, Jane Felipe & LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2014. “Diásporas, homogeneidades e pertencas entre os Tembé Tenetehara de Santa Maria” *In: Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*. v. 1, p. 123-143. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/1610/pdf>.
- BELTRÃO, Jane Felipe; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos; CUNHA, Mainah Jailson Sampaio; MASTOP-LIMA, Luiza de Nazaré; DOMINGUES, William César Lopes & TOMÉ, Tiago Pedro Ferreira. 2015. “Vida e morte entre povos indígenas” *In: Espaço Ameríndio*. (UFRGS), v. 9, p. 206-238. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/54951>.
- FERNANDES, Edimar Antônio; BELTRÃO, Jane Felipe & SILVA, Almir Vital. 2011. “Associação Indígena Tembé de Santa Maria do Pará (AITESAMPA): um relato sobre a luta por direitos étnicos” *In: Amazônica: Revista de Antropologia* (Online), v. 3, p. 392-406. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/774/1060>.
- FERNANDES, Rosani de Fatima. 2015. “Tembé Tenetehara de Santa Maria do Pará: formas de silenciamento étnico, resistências e luta por direitos” *In: Revista de Estudos Amazônicos*. v. 1, XIII, p. 214-249. Disponível em: http://www.ufpa.br/historia/Estudos%20Amazonicos/Rosani_Fernandes.pdf.
- LOPES, Rhuan Carlos dos Santos & BELTRÃO, Jane Felipe. 2016. “Patrimônio histórico e memória social: entre indígenas e ex-internos na Vila Santo Antônio do Prata, Amazônia brasileira” *In: ContraCorrente, Revista de Estudos Literários e da Cultura*. v. 9, p. 1-15. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/883/pdf>.
- LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2015. “Os Tembé/Tenetehara de Santa Maria do Pará: entre representações e diálogos antropológicos” *In: Iluminuras* (Porto Alegre). v. 16, n. 38, p. 219-254. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/57438/34494>.
- LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. 2016. “Políticas indigenistas na Amazônia brasileira e a resistência étnica dos Tembé/Tenetehara de Santa Maria do Pará” *In: Espaço Ameríndio* (UFRGS), v. 10, p. 162-193. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/66366>.

SOBRE A ORGANIZADORA

Jane Felipe Beltrão

Amiga de Judite Vital da Silva, gosta de conversar e ouvir a amiga “contar histórias”. Foi eleita, pela amiga, para ler seu “caderno com histórias” que se reporta a difícil vida dos *Tembé Tenetehara*, especialmente no caso de uma menina. Por gostar de histórias e de trabalhar com povos indígenas ousa escrever livros para públicos que não se encontram na academia. Procura contribuir para o entendimento entre povos e tenta diminuir os preconceitos e combater o racismo, pois é antropóloga e historiadora. É professora titular na Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisadora junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

www.portal.abant.org.br

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Prédio do ICS – Instituto de Ciências Sociais

Térreo – Sala AT-41/29

Asa Norte – Brasília – DF

CEP: 70910-900

TELEFAX: (61) 3307-3754

REVISÃO

Patrícia Freitas

ILUSTRAÇÕES [ANIMAIS – PP. 11, 37 E 41]

Camille Gouveia Castelo Branco Barata

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mórla Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S58j Silva, Judite Vital da, 1952

Judite : a menina da zona rural, guerreira Tenetehara / Judite Vital da Silva ;
organização Jane Felipe Beltrão. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Mórla, 2017.

28 p. : il ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-656-7970-1

1. Silva, Judite Vital da, 1952. 2. Índias – Brasil – Biografia. I. Beltrão, Jane Felipe.
II. Título.

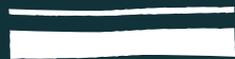
17-44946

CDD: 980.41

CDU: 929(=87)(81)



COLEÇÃO
**LIDERANÇAS
TRADICIONAIS**





ABA PUBLICAÇÕES

 **mórula**
EDITORIAL

PATROCÍNIO:



REALIZAÇÃO:

PPGAS
MUSEU NACIONAL | UFRJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ANTROPOLOGIA SOCIAL




Programa de Pós-Graduação em
Antropologia • UFFA

